

ARTE ERÓTICA, SEXUALIDADE E PODER

EROTIC ART, SEXUALITY AND POWER

Vanessa Cristina Dias

Graduanda em Artes Visuais modalidade Licenciatura/UFPel
vanessacristinadias_@live.com

Cláudia Mariza Mattos Brandão

Doutora em Educação, professora do Centro de Artes/UFPel
attos@vetorial.net

RESUMO

A arte erótica e suas distintas proposições sempre permeou a vida social e privada de diferentes populações ao longo do tempo. Em 2017 tivemos o exemplo de como a arte – quando considerada erótica – pode provocar reações inesperadas, como o fechamento da exposição *QueerMuseu*. Nela, uma das obras mais citada foi “Cena de Interior II”, de Adriana Varejão, que, segundo o catálogo, apresenta um drama erótico versando sobre hábitos nem sempre discutidos fora de “quatro paredes”. Neste trabalho, através de olhares femininos, nos propomos a abordar temas relacionados ao erotismo e suas representações artísticas, discutindo sobre os silenciamentos históricos acerca do prazer feminino e do sexo lésbico, apoiadas principalmente no texto *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, de Audre Lorde (1984). As aparições na história da arte com relação aos órgãos sexuais são predominantemente masculinas, uma questão que consideramos pertinente discutir através da análise contextual de determinadas obras de arte de cunho erótico. Isso, para problematizar o fato do erotismo culturalmente ser naturalizado no mundo dos homens e apagado no das mulheres, uma situação que hoje é veementemente contestada, inclusive, nas redes sociais. A proposta integra a pesquisa do projeto “DO PINCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).

Palavras-chave: Arte. Erotismo. Sexualidade. Feminino.

ABSTRACT

The erotic art and its different propositions have always permeated the social and private life of different populations over time. In 2017 we had the example of how art - when considered erotic - can provoke unexpected reactions, such as the closing of the exhibition *QueerMuseu*. In the exhibition, one of the most quoted work was "Cena de Interior II", by Adriana Varejão, which, according to the catalog, presents an erotic drama about habits not always discussed openly. In this work, through feminine looks, we propose to approach themes related to eroticism and its artistic representations, discussing the historical silence about female pleasure and lesbian sex, supported mainly in the text *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, by Audre Lorde (1984). The appearances in the history of art with respect to the sexual organs are predominantly masculine, an issue that we consider pertinent to discuss through the contextual analysis of certain erotic works of art. This, to problematize the fact that eroticism is culturally naturalized in the world of men and erased in woman's world, a situation that today is vehemently contested, even in social networks. The proposal is part of the research project "DO PINCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens", developed in the ambit of PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel / CNPq).

Keywords: Art. Eroticism. Sexuality. Female.

Introdução

A arte erótica e suas diferentes proposições sempre permeou a vida social e privada de diferentes populações ao longo do tempo, sendo um reflexo das vivências dentro dessas sociedades, conforme contextos sócio-histórico, filosófico e cultural, através de representações em telas ou afrescos. No ano de 2017, tivemos o exemplo de como a arte – quando considerada erótica – pode provocar reações inesperadas, como o fechamento da exposição *QueerMuseu*. Nela, a obra mais citada foi “Cena de Interior II” (Figura 1), de Adriana Varejão (1964) que, segundo o catálogo, apresenta um drama erótico, versando sobre hábitos que nem sempre são discutidos fora de “quatro paredes”.

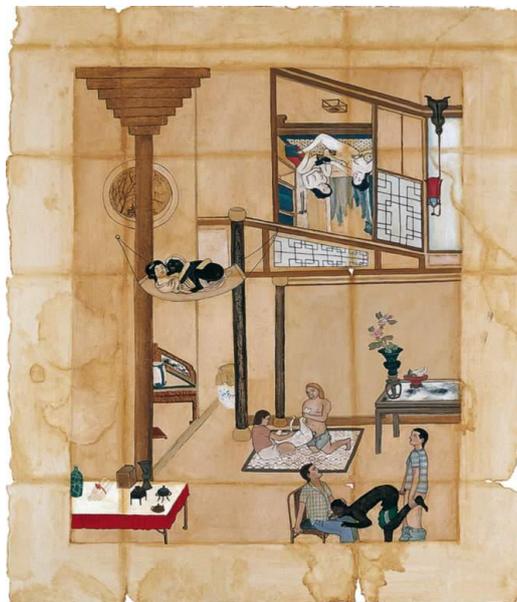


Figura 1: **Adriana Valadão**, *Cena de Interior II*, óleo sobre tela, 120 x 100 cm, 1994. Coleção particular, Rio de Janeiro. Fonte: <<https://bit.ly/2vscDNo>>

Existe na contemporaneidade um consenso de que a arte remete à expressão livre, instigando o pensamento reflexivo. Já “sexualidade” é um conceito historicamente construído, cuja definição, segundo a Organização Mundial de Saúde, é:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. A Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um Direito Humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um Direito Humano básico (BRASIL apud OMS, 1975, p. 295).

E ainda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (BRASIL, 1997, p. 81).

Guacira Louro (1999, p.8) ainda sustenta dois pontos sobre a sexualidade: “O primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. O segundo, ao fato de que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Sendo assim, podemos compreender a sexualidade e a arte erótica enquanto poderosas formas de expressão.

Seguindo como estratégia de trabalho e posicionamento político, optamos por utilizar em maioria teóricas mulheres, as quais conseguiram empoderamento intelectual, assim como Audre Lorde, que defende o poder do erótico como uma força vital norteadora para mulheres, argumentação apresentada no texto *Uses of the Erotic: The Erotic as Power* (1984).

Neste artigo nos propomos a abordar temas relacionados ao erotismo e suas representações artísticas, enfocando principalmente em obras pictóricas. Para o encaminhamento de tal discussão, partimos de um ponto de vista histórico, iniciando por um breve levantamento de aparições na história da arte da representação de órgãos sexuais, as quais nós identificamos como sendo predominantemente masculinas. Essa é uma questão que consideramos pertinente discutir através da análise contextual, problematizando o fato do erotismo culturalmente ser naturalizado no mundo dos homens e apagado no das mulheres.

Em um segundo momento, orientamos o nosso olhar para a perspectiva da erótica feminina, discutindo sobre os silenciamentos históricos acerca do prazer feminino e do sexo lésbico, buscando dar visibilidade aos mesmos.

A pesquisa está em sua fase inicial, integrando o projeto “DO PINCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), que tem por objetivo colaborar para a construção de saberes estéticos, artísticos e pedagógicos que considerem a mediação das imagens em processos pessoais e coletivos de investigação e

compreensão dos códigos contemporâneos, ampliando o espaço de aprendizagem de disciplinas curriculares do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura.

A dominação masculina: Sexualidade e Arte Erótica

Sabemos que historicamente os homens dominaram o mundo, e as mulheres foram tidas como meras coadjuvantes. E no mundo da arte não foi diferente, tendo os artistas homens historicamente maior reconhecimento do que as mulheres artistas, alguma sendo praticamente “apagadas” da história da arte. Cabe aqui citar, que frente a tal situação, as Guerrillas Girls, ativistas norte-americanas feministas que utilizam máscaras de gorilas para esconder suas identidades, lançaram um livro intitulado *“The Guerrilla Girls’ Bedside Companion to the History of Western Art”* (1998) que resgata a presença feminina na história da arte.



Figura 2: *Exposição das Guerrillas Girls no MASP, 2017.*

Fonte: <<https://bit.ly/2F0KRad>>

Em setembro de 2017, quatro integrantes do coletivo Guerrilla Girls inauguraram uma exposição inédita no país (Figura 2), no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Desde 1985, o coletivo denuncia a hegemonia masculina e branca nos acervos dos principais museus mundiais, questionando tanto a falta de representatividade feminina, quanto à imagem, idealizada e passiva, da mulher nas obras de arte.

Os primeiros registros descobertos por arqueólogos, que podem ser considerados de arte erótica, datam milhões de anos a.C., na Pré-história ou período paleolítico, com representações que expressavam o cotidiano, aparecendo, por exemplo, corpos ou partes de corpos, sendo o corpo da mulher representado enquanto símbolo da fertilidade, ou proteção,

pois primavam pela sobrevivência da espécie. Outros registros aparecem também no Egito, que vinculam sua própria história ao erótico, acreditando que o deus Atum a partir da masturbação criou a Terra. Sendo assim, as aparições masculinas na arte erótica egípcia, mostram que o homem dispunha de poder e controle no ato sexual, sendo em geral, dominador. Já a figura da mulher, eles preferiam cobrir com linho transparente ou tecido molhado ao corpo ao invés de deixar nua, exposta.

Outras culturas como a dos Orientais (Índia, China e Japão) também foram ligadas a sexualidade em tempos mais remotos. Conseguimos observar os legados eróticos desses povos em diferentes proposições. Aqui destacamos a Índia, que ligada ao divino (tântrico) teve uma relação interessante com a sexualidade, mais ligada à vida social do que outros povos, deixando ao ar livre esculturas que representam o erótico, explicitamente (MILIO, BENEGAL, PELTIER, 1999).

Em Roma, podemos destacar a cidade de Pompéia, que após a erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., arqueólogos descobriram vários objetos com arte erótica explícita (Figura 3). Essas obras ficaram guardadas por anos no *Gabineto Segretto*, em Nápoles, na Itália. Essa civilização em especial demonstrou ter uma visão bem específica sobre sexualidade, podemos notar a presença quase obsessiva de falos em várias representações e ilustrações. A simbologia fálica vem do deus Priapo, que permanecia em ereção em estado ininterrupto, sendo o próprio falo uma representação de poder. O falo era símbolo de sorte e fertilidade, além de grande potência sexual, a imagem poderia ser usada para “espantar o mau olhar” ou para representar o prazer (SANFELICE, GARRAFFONI, 2011, p. 216).



Figura 3: *Oferendas votivas em Pompéia com representações de seios e pênis.*
Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles. Fonte: <<https://bit.ly/2HCDTh4>>

Com o surgimento do Cristianismo (Ocidente) e do Islamismo (Oriente), as diferentes visões sobre sexualidade mudaram gradualmente, sendo essas religiões de forte dominação e grande imposição de regras e pudores sobre as populações. Até o fim do período caótico da Idade Média, com a prevalência da fé católica, não se encontra representações visuais eróticas. Provavelmente os povos influenciados pela igreja católica absorveram os aprendizados e doutrinas cristãos, sendo um deles, a da criação do mundo. Para os católicos, Deus criou o mundo a partir do jardim do Éden, que foi feito em sete dias, criando o homem a sua imagem e semelhança, como qualificado para manter e proteger o jardim. Entretanto, observando sua solidão, fez de suas costelas surgir a mulher para lhe acompanhar, como consta no Antigo Testamento:

15 E tomou o SENHOR Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.

16 E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente,

17 mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

18 E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele.

19 Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo animal do campo e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.

20 E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo; mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele.

21 Então, o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar.

22 E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão.

23 E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada (Gênesis, Capítulo 2, Versículo 15-23).



Figura 4: **Albrecht Dürer**, *Adão e Eva*, gravura, 25,1 x 20 cm, 1504. Metropolitan Museum of Art, Nova York. Fonte: <<https://bit.ly/2HzPRbb>>

Na história bíblica sobre o Gênesis, a mulher aparece como subordinada ao homem, sendo dele criada. Além disso, é apontada como responsável pelo fim do Paraíso, quando desobedeceu a Deus, comendo do fruto proibido. Eva foi amaldiçoada com as dores da gravidez e da menstruação. Na gravura de Albrecht Dürer (1471-1528) (Figura 4), de 1504, Adão e Eva aparecem com seus órgãos sexuais cobertos, não nus como sugere a história, numa demonstração do pudor e da ética puritana que se instaurou a partir dos ideais cristãos.

Nossa cultura tem dois alicerces, a tradição Greco-latina e a Judaico-cristã. A religião católica apostólica romana foi sem dúvida a de maior influência nos países ocidentais. Após a Idade Média, depois de muita repressão, a partir dos anos 1400 d.C., principalmente no Renascimento, o erótico volta a permear a vida das populações.

Para demonstrar que existem diferenças entre as representações elaboradas por homens e mulheres artistas, no que tange a figura erótica da mulher, recorreremos a uma história representada em diferentes momentos da história da arte. Trata-se de um relato que consta do Antigo Testamento, sobre uma mulher (Susana) que é surpreendida enquanto tomava banho por dois anciãos da sua comunidade, que exigem que ela tenha relações sexuais com eles. Susana é ameaçada de ser difamada como infiel se ela não sucumbisse ao desejo dos dois, o que resultaria no que chamamos hoje de pena de morte para ela. Na história, Susana resolve recusar a chantagem, e após a tentativa de difamação ela é salva por Daniel que desmente os velhos.

“Susana e os Velhos” foi representada muitas vezes ao longo da história da arte, mas para a nossa análise apresentamos as versões de dois artistas para a cena em que Susana é surpreendida pelos velhos: uma mostrando a visão masculina de Jacopo Tintoretto (1518-1594) (Figura 5), e a outra, a visão feminina de Artemísia Gentileschi (1593-1651) (Figura 6).



Figura 5: **Jacopo Tintoretto**, *Susana e os Velhos*, óleo sobre tela, 146,6 x 193,6 cm, 1557.
Museu de História da Arte em Viena. Fonte: <<https://bit.ly/2HKdhrX>>

Pela visão de Tintoretto a mulher é colocada passiva e inofensivamente, não parece assustada, ela olha com fragilidade para um dos espectadores enquanto é espionada. Já na visão de Artemisia Gentileschi, Susana mostra todo seu terror e repulsa pela expressão facial e posição das mãos diante dos dois velhos, sendo uma representação muito mais próxima da vida real. Analisada através das lentes da contemporaneidade, essa seria uma representação de um caso de assédio sexual.

Consideramos que o ditado ‘a arte imita a vida’ ganha nova roupagem na análise da obra de Artemisia. Isso, pois consta que a artista italiana foi estuprada aos 18 anos, pelo professor e também pintor Agostinho Tassi (1578-1644), que prometendo se casar com ela, continuou a abusar sexualmente da jovem. Em 1612 o pai de Artemisia, e também pintor, Orazio Gentileschi (1563-1639) descobriu os estupros e decidiu denunciar Tassi. Porém, a exposição de Artemisia arruinou sua reputação, e para salvar sua honra, aparece uma espécie de “Daniel para Susana”, que através de um casamento arranjado, ajudou Artemisia. E essa foi a solução encontrada para a situação, pois as alegações de Artemisia contra o seu abusador não foram consideradas. Tassi saiu impune, e a artista de 19 anos foi violada para tentar provar que era virgem até o primeiro estupro acontecer, acusada por seu estuprador de ter muitos amantes, foi submetida a vários exames ginecológicos torturantes.



Figura 6: **Artemisia Gentileschi**, *Susana e os Velhos*, óleo sobre tela, 160 x 121cm, 1610).
Schloss Weissenstein, Pommersfelden. Fonte: <<https://bit.ly/2HE28vd>>

Podemos problematizar a imagem feminina, que se comparada à masculina que representa uma força fecunda e criadora, é exatamente o oposto. Como explica Luciana Loponte (2002, p. 8), chamando de “pedagogia cultural do feminino”, as obras de arte ao longo do tempo, colocaram em discurso a sexualidade feminina naturalizando e legitimando o corpo da mulher como objeto de contemplação, transformando esse modo de ver particular na única verdade possível. Como podemos ver na obra de François Boucher (1703-1770), Louise O’Murphy (Figura 7), de 14 anos, é colocada semelhante a Susana de Tintoretto, passiva e delicada, ela é um corpo nu prestes a ser dominado.



Figura 7: **François Boucher**, *Resting Girl* (Louise O’Murphy), óleo sobre tela, 59.5 x 73.5 cm, 1752. Antiga Pinacoteca, Munique. Fonte: <<https://bit.ly/2F0JGY1>>

Considerando as questões históricas aqui apresentadas, entendemos como a arte erótica é um assunto complexo. Muitas vezes, as obras de cunho erótico podem ser consideradas “heresia, perdição e atentado ao pudor, à moral e aos bons costumes”, por aqueles que desconhecem o tema. E isso foi comprovado com o caso do fechamento da exposição “*QueerMuseu*”, realizada com base em opiniões moralistas e conservadoras, numa demonstração da dificuldade, de algumas pessoas, em lidar com questões relativas à sexualidade e suas possíveis expressões.

Entretanto, não podemos ignorar que tal evento também demonstra a qualidade (ou a falta dela) no que se refere ao ensino das Artes nas escolas. Isso, pois pessoas com acesso a uma educação com qualidade na área de Artes Visuais detêm um conhecimento básico que permite um entendimento mais profundo acerca das representações artísticas e seus significados, numa relação direta com seus contextos históricos de geração.

Poder Erótico: O prazer feminino e o sexo lésbico

Até hoje a exposição da nudez feminina ainda se manifesta como um modo de controle masculino sobre as mulheres. O entendimento e divulgação do corpo feminino como objeto para o prazer do outro ainda persiste, e muitas de suas representações servem para a normatização e controle social da sexualidade e dos comportamentos das mulheres. Antigamente, por exemplo, quadros que circulavam nas grandes galerias retratavam mulheres idealizadas, que denotavam padrões sociais vigentes e cujos comportamentos deveriam ser adotados por todas. Isso é semelhante ao que discutimos na contemporaneidade sobre a influência das mídias sobre os comportamentos sociais.

Ao longo da história de nossa civilização a mulher foi vista como um receptáculo para a preservação da espécie, maternal, passiva e muitas vezes frígida ou sem necessidades e desejos sexuais. Sobre tais questões, Guacira Lopes se refere ao seu comportamento quando o assunto era sexualidade e sociedade explicando:

Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular [...] (LOURO, 2000, p. 7).

O movimento feminista foi muito forte nos anos 1950 e 1960, e graças à luta de muitas mulheres podemos dizer que a liberdade da mulher e a própria imagem tem mudado gradualmente, mesmo que muitas vezes a passos curtos. Entretanto, atitudes feministas de empoderamento do corpo e do prazer erótico pontuam a história da arte como iniciativas pessoais de artistas, assim como Gerda Wegener (1886-1940), em cuja obra, intitulada “Doloroso” (Figura 8), nós identificamos uma mulher se masturbando, ao mesmo tempo em que através de um espelho ela enxerga sua vulva.

Admitir que o prazer feminino é possível, sem culpa e negligências, para a mulher, se transforma no poder erótico, como Audre Lorde (1984, p. 5) nos explica: “O erótico é uma medida entre os princípios do nosso senso de ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso interno de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar.” Segundo a autora, devemos nos voltar para o nosso interior, honrando o sentimento de amor próprio, “pois tendo vivido a completude dessa profundidade de

sentimento e reconhecendo seu poder, em honra e respeito próprio não podemos exigir menos de nós mesmas” (Tradução nossa ¹)



Figura 8: **Gerda Wegener**, *Doloroso*, ilustração, coleção *Les délassements de l'Éros*, 1925.
Fonte: <<https://bit.ly/2JaAJyh>>

Na contemporaneidade, é possível notar a proliferação de diversos discursos feministas através das redes sociais, ferramenta que vem ajudando a divulgar pensamentos e ideias que auxiliam os internautas a desconstruir alguns padrões. Muitas mulheres vêm se informando e empoderando utilizando aplicativos da rede, assim como o Instagram, por exemplo, que permite que artistas, que não teriam espaço em museus ou grandes exposições, exponham seus trabalhos de forma que possam conquistar conhecedores e admiradores.

É o caso da espanhola Cinta Tort Cartró (1996) que é artista e ativista e que através do Instagram ajuda mulheres a aceitarem seus corpos e sua sexualidade. Assim, mais do que divulgar suas produções artísticas de modo mais democrático, ela contribui para que outras mulheres aumentem o seu amor próprio, diminuindo a competição entre as mulheres na busca do “corpo perfeito”, aceitando as diferenças, como mostra a obra de Cintia (Figura 9), que contempla e dialoga com o universo feminino.

¹ *The erotic is a measure between the beginnings of our sense of self and the chaos of our strongest feelings. It is an internal sense of satisfaction to which, once we have experienced it, we know we can aspire. For having experienced the fullness of this depth of feeling and recognizing its power, in honor and selfrespect we can require no less of ourselves.* (LORDE, 1984, p. 5)

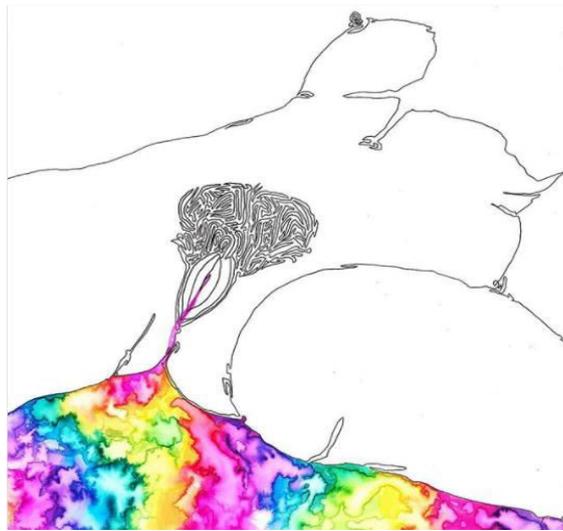


Figura 9: **Cinta Torto Cartró**, *M'agrada massa #manchoynomedoyasco*, 2017.
Fonte: <<https://bit.ly/2uW2pCX>>

As ideias que os feminismos ajudam a expandir colaboram para que as mulheres possam pensar em si mesmas em várias áreas da vida, quanto à sexualidade, uma busca por satisfação lhes foi encorajada. A masturbação é uma das principais formas de conexão da mulher com o próprio prazer, ela pode ser chave importante para a busca do autoconhecimento.

Entendemos que, a partir do autoconhecimento e do amor próprio, a mulher pode encontrar várias possibilidades de atingir o gozo feminino, seja em uma experiência sexual ou não, o erótico deve estar em todos os atos de prazer e poder para a mulher, como Audre nos desvenda:

Outra forma importante com que a conexão erótica funciona é a ampla e destemida ênfase de minha capacidade de gozar. Do jeito que meu corpo se expande à música e se abre em resposta, escutando seus ritmos profundos, assim cada nível de onde eu sinto também se abre à experiência eroticamente satisfatória, seja dançando, construindo uma estante de livros, escrevendo um poema, examinando uma ideia. (Tradução nossa ²)

Se, como já discutimos anteriormente, a dominação masculina tornou a autonomia da mulher heterossexual restrita, a das mulheres lésbicas ficou bem mais comprometida. E consideramos que o tema precisa ser incansavelmente debatido.

²Another important way in which the erotic connection functions is the open and fearless underlining of my capacity for joy. In the way my body stretches to music and opens into response, hearkening to its deepest rhythms, so every level upon which I sense also opens to the erotically satisfying experience, whether it is dancing, building a bookcase, writing a poem, examining an idea (LORDE, 1984, p. 8).

Do ponto de vista a partir do qual a sociedade encara a lesbianidade, o de uma sexualidade menor, as lésbicas sofrem de forma mais enfática a pressão masculina. Muitas vezes, ficam à mercê do homem, seja pela figura, ou pelo prazer dele, em relações de poder que provocam a repressão da sexualidade dessas mulheres.

Entendendo a complexidade da questão, consideramos que o tema é fundamental para a constituição de uma sociedade que respeite as diferenças, não só de sexo, mas principalmente de gênero, e buscamos trazer um pouco de luz ao assunto. Como sabemos, e Guacira Lopes nos trás a seguir, a única possibilidade aceitável, mesmo ainda hoje, é a heterossexualidade:

A heterossexualidade é concebida como "natural" e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento (LOPES, 2000, p. 14).

Corroborando com tais discussões, encontramos na obra de Nan Goldin (1953) (Figura 10) um excelente exemplar das diferenças entre o olhar masculino e o feminino na abordagem da questão. Por alguma razão, a artista uniu a obra de Gustave Courbet (1819 – 1877), “Adormecidas” (1866), com uma fotografia de sua autoria, lado a lado, compondo uma mesma cena, como se as imagens fossem complementares.



Figura 10: **Nan Goldin**, *The Nap*. Chromogenic print, 61 x 164 cm, 2010.
Courtesy Matthew Marks Gallery. Fonte: <<https://bit.ly/2Hwlp1J>>

Courbet “faz de sua arte um “instrumento” de protesto contra a burguesia” (BARROS, ZANNONI, 2012, p. 26), e é considerado o pai do realismo francês. Na obra em questão, nós temos a representação de duas mulheres em uma cena erótica, reproduzida pelo viés de uma

visão masculina. O que pretendemos dizer com isso, é que em sua obra, tanto o artista quanto o espectador se colocam como uma espécie de *voyeur*, um observador, alguém que as analisa e que temporariamente as possui. As mulheres ali representadas parecem posar para alguém, suas linguagens corporais não indicam que estão entregues entre si, mas sim, são passivas, se deixam ser vista por outrem.

Consideramos que Goldin elabora uma crítica a isso, mostrando o oposto em sua imagem. Na sua fotografia identificamos duas mulheres entregues, seguras, confortáveis, como se o momento entre elas tivesse sido congelado através da lente da câmera, as mulheres são sem dúvida, sujeito, e não estão à mercê do homem. Inclusive, conseguimos mergulhar na obra, no sentido sensível e forte que ela representa sobre a troca entre as duas mulheres. Ao colocar as duas imagens lado a lado a artista expõe as diferenças que motivaram as representações.

Sobre como o erótico pode ser empoderador entre duas mulheres lésbicas, Audre Lorde, mulher negra e lésbica, explica:

O erótico para mim funciona de muitas maneiras, e a primeira é fornecendo o poder que vem de compartilhar profundamente qualquer busca com outra pessoa. A partilha do prazer seja físico, emocional, psíquico ou intelectual forma entre as compartilhantes uma ponte que pode ser a base para entender muito do que não é compartilhado entre elas, e diminui o medo das suas diferenças (Tradução nossa³).

Contestamos até aqui, o poder masculino, o poder do patriarcado sobre as mulheres, visto que segundo Andréa Nye: “Os homens acham as mulheres ameaçadoras e poderosas, e por isso na teoria analítica acham-nas num seguro lugar inferior num mundo de valores masculinos” (NYE, 1988, p. 153). Simone de Beauvoir, em seu livro “*O Segundo Sexo*” (1949), apresenta e defende um conceito que ainda é utilizado como embasamento referencial para os discursos feministas, numa demonstração da importância da autora na história dos feminismos.

Segundo ela “A mulher é sempre ‘o outro’ do sujeito homem” (BEAUVOIR, 2016, p. 12), sendo assim, consideramos fundamental refletir sobre o papel que a mulher deve assumir em sociedades patriarcais, viabilizando o rompimento com as imposições que constroem as mulheres há décadas em vários aspectos da vida, inclusive no que permeia sua sexualidade.

³ *The dichotomy between the spiritual and the political is also false, resulting from an incomplete attention to our erotic knowledge. For the bridge which connects them is formed by the erotic—the sensual—those physical, motional, and psychic expressions of what is deepest and strongest and richest within each of us, being shared: the passions of love, in its deepest meaning (LORDE, 1984, p. 7).*

Considerações Finais

Consideramos que um meio possível de buscar por rupturas e resistências, frente aos comportamentos problematizados neste artigo, se dá através do resgate e análise da história de outras mulheres que quebraram os paradigmas em seus diferentes tempos históricos, no campo das Artes Visuais.

As Guerrilas desenvolvem um trabalho importante, dando visibilidade a diferentes artistas mulheres que galgaram posições de destaque na história da arte, e que não recebem até hoje o devido reconhecimento. Haja vista a maciça presença de artistas homens nas coleções dos mais importantes museus. Outro papel importante deste grupo de mulheres artistas é o de pensar justamente as aparições femininas e masculinas na produção artística e de suas características formais, que revelam a predominância de enfoques machistas.

O embasamento histórico nos ajuda a entender os problemas enfrentados pelas mulheres no passado e o reflexo disso no presente, possibilitando a tomada de posição consciente e ativamente engajada frente a nossos próprios desafios. A história de Artemisia, por exemplo, citada no livro *“The Guerrilla Girls’ Bedside Companion to the History of Western Art”*, demonstra que apesar de ter vivido sob o domínio masculino em todos os âmbitos, conseguiu romper e sobrepor-se a “dogmas” sociais da época, como o matrimonial, por exemplo, criando suas duas filhas, sozinha. Além disso, é responsável por um trabalho impecável como artista, sendo a primeira mulher a entrar para uma Academia, reconhecida como artista visual.

Atualmente, nós, mulheres, temos mais autonomia, mas ainda precisamos entender/discutir sobre as diferenças de gênero entre mulheres, e todas as suas identidades, classes, religiões, raças e orientações sexuais, compreendendo que cada uma tem necessidades específicas, compatíveis com a sua posição social. O que Audre Lorde nos diz sobre o poder erótico se refere a diminuir essas diferenças, através da união entre as mulheres e do fortalecimento mútuo, pois tal reconhecimento nos possibilitará vencer tanto o nosso caos interno quanto o caos do mundo. Outra solução encontrada pelas mulheres contemporâneas é a de contestar discursos machistas hegemônicos através das redes sociais. Muitas mulheres vêm se utilizando dessas ferramentas e através de um diálogo aberto, principalmente com o público feminino, esclarecem inquietações frequentes do mundo feminino cotidiano.

A sexualidade deve ser encarada aqui como uma força libertadora da expressão feminina, que se reflete no corpo e mente. Ela é um meio, uma forma de atingir o poder

erótico enquanto uma satisfação real, que ajuda a mulher a fortalecer elos entre a autoaceitação e o amor-próprio. Porém, devemos pensar no poder erótico para além da vida sexual, não nos deixando alienar do resto da natureza como flores a desabrochar, mas pensar nesse potencial realizador que não é confinado ao prazer/poder sexual, mas que se utiliza desse prazer para empoderamento pessoal.

Quando falamos sobre o poder erótico, falamos de uma força vital, que une, cerca mulheres, de forma a lhes dar autonomia e confiança. Estamos falando de uma retroalimentação energética ativa que contamina mulheres, através da qual conseguiremos chegar à compreensão da mútua ajuda como meio para se intensificar esforços de autorrealização, a fim de estimular discussões e pensamentos críticos, contribuindo para o autoconhecimento e a autossatisfação. Trata-se de uma luta social para a qual os homens podem contribuir, porém, o foco proposto neste trabalho é o de estimular a união de mulheres em torno desse grande elo, através do qual podemos conquistar visibilidade para questões que nos dizem respeito e que foram “amenizadas” pelo machismo de sociedades patriarcais.

Como manifestação de posicionamentos políticos ideológicos, nós seguiremos a pesquisa iniciada neste artigo, discutindo, problematizando questões femininas na arte, principalmente no âmbito da arte erótica, buscando cooperar para o empoderamento do pensamento crítico acerca do tema, principalmente de mulheres.

Referências

A História do Sexo. **Civilizações Antigas**. Direção: Jim Milio, Shyam Benegal, Melissa Jo Peltier. Produção: Charlie Maday , Jim Milio, Melissa Jo Peltier. Documentário, The History Channel., 1999. 44min. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=XhqT8hyfhFg&t=1s>>. Acesso em: 17/02/2018.

A História do Sexo. **O Mundo Oriental**. Direção: Jim Milio, Shyam Benegal, Melissa Jo Peltier. Produção: Charlie Maday , Jim Milio, Melissa Jo Peltier. Documentário, The History Channel, 1999. 44min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=28V-fkMgMoA&t=408s>>. Acesso em: 17/02/2018.

BARROS, Maria Mirtes dos Santos , ZANNONI, Claudio. ARTE E POLÍTICA: uma abordagem sobre as artes plásticas nas obras de Courbet e Daumier. **Caderno de Pesquisa**. São Luís, v. 19, n. 1, p. 24-30. Jan./Abril. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/928/615>> . Acesso: 17.02.22018

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** Fatos e Mitos. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 9-27, 2016.

Bíblia Sagrada. Antigo **Testamento**, Gênesis, Cap. 2 Versículo 15-23. Versão Revista e Corrigida. 2ª Ed. Sociedade Bíblica do Brasil.

GIRLS, Guerrilla. **The Guerrilla Girls' Bedside Companion** to the History of Western Art. United States of America. 1998.

HOOKS, Bell. **Eros, erotismo e o processo pedagógico**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300. Julho/Dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200002>> Acesso: 06.02.2018.

LORDE, Audre. **Uses of the Erotic: The Erotic as Power**. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984.

LOURO, Guacira. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NYE, Andréia. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientação Sexual**. Brasil, vol. 10, p. 72-110, 1997.

Revista Público Website. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2007/10/26/jornal/sexo-e-arte-ha-tres-mil-anos-havia-menos-tabus-235157>>. Acesso: 11.02.2018.

Revista Obvious, Um olhar mais demorado... Website. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2013/07/pompeia_a_vida_sexual_na_antiguidade.html>. Acesso: 11.02.2018.

ROSA, Marcella. **Guia Prático do feminismo: Como dialogar com um machista?** Belo Horizonte: Letramento, p. 42-46, 2015.

SANFELICE, Pérola, GARRAFFONI, Renata Senna. A religiosidade em Pompeia: Memória, sentimentos e diversidade. **MNEME – Revista de Humanidades**. Rio Grande do Norte, v. 12, n. 30, p. 204-226. Julho/Dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1253>> Acesso: 06.02.2018.